

O papel da biblioteca pública na reconstrução da verdade

Emir José Suaiden

Pós-doutorado pela Universidad Carlos III de Madrid (Carlos III) - Espanha. Doutor em Ciência da Informação pela Universidad Complutense de Madrid (UCM) - Espanha. Pesquisador e professor da Universidade de Brasília (UnB) - Brasília, DF - Brasil. Professor convidado da Universidad de la República (PRODIC) - Uruguai. Professor investigador da Universidad Carlos III de Madrid (UC3M) - Espanha.

<http://lattes.cnpq.br/5651552109380543>

E-mail: emir@unb.br

Submetido em: 16/05/2018. Aprovado em: 20/06/2018. Publicado em: 26/09/2018.

RESUMO

Desde o início do século XX, a biblioteca pública tem sido muito contestada. Inicialmente a crítica maior era centrada em como essas bibliotecas, que mais pareciam depósito de livros, poderiam colaborar para o desenvolvimento da sociedade industrial e posteriormente pós-industrial. Com o advento da sociedade da informação, novos desafios surgiram, como as questões do impresso ao digital e a cobrança, cada vez maior, da formação de um público leitor. Desde o século passado, a crença era que o seu objetivo fundamental era a validação da verdade, no entanto os interesses políticos, econômicos e ideológicos fomentam a crise da verdade. Recentemente a cobrança é sobre o desenvolvimento da desinformação, da manipulação e da fake news. Esse trabalho pretende, baseado em metodologia etnográfica, em revisão da literatura e nos estudos comparativos, demonstrar como pode ser esse novo modelo de biblioteca pública.

Palavras-chave: Biblioteca pública. Público leitor. Inclusão informacional. Inclusão social. Interação com a comunidade.

The role of the public library in rebuilding the truth

ABSTRACT

Since the early twentieth century, the public library has been much contested. Initially the major criticism was centered on how these libraries, which looked more like book storage, could collaborate for the development of industrial society and later post-industrial society. With the advent of the information society, new challenges have arisen, such as print-to-digital issues and the growing collection of readership. Since the last century, the belief was that its fundamental purpose was the validation of truth, however political, economic and ideological interests foster the crisis of truth. Recently the charge is on the development of misinformation, manipulation and fake news. This work aims, based on ethnographic methodology, review of literature and comparative studies, to demonstrate how this new public library model can be.

Keywords: *Public library. Public reader. Informational inclusion. Social inclusion. Interaction with the community.*

El papel de la biblioteca pública en la reconstrucción de la verdad

RESUMEN

Desde el principio del siglo XX, la biblioteca pública ha sido muy cuestionada. Inicialmente la crítica mayor estaba centrada en cómo esas bibliotecas, que más parecían depósito de libros, podrían colaborar para el desarrollo de la sociedad industrial y posteriormente postindustrial. Con el advenimiento de la sociedad de la información, nuevos desafíos surgieron, como las cuestiones del impreso a digital y el cobro, cada vez mayor, de la formación de un público lector. Desde el siglo pasado, la creencia era que su objetivo fundamental era la validación de la verdad, sin embargo los intereses políticos, económicos e ideológicos fomentan la crisis de la verdad. Recientemente el cobro es sobre el desarrollo de la desinformación, la manipulación y la fake news. Este trabajo pretende, basándose en metodología etnográfica, en revisión de la literatura y en los estudios comparativos, demostrar cómo puede ser ese nuevo modelo de biblioteca pública.

Palabras clave: *Biblioteca pública. Público lector. Inclusión informacional. Inclusión social. Interacción con la comunidad.*

INTRODUÇÃO

Desde o advento da sociedade da informação, o papel da biblioteca pública vem, cada vez mais, recebendo críticas por parte de estudantes, investigadores e profissionais da informação e comunicação. A crítica mais dura refere-se à cobrança por um novo modelo de biblioteca.

Estudos comparativos revelam as diferenças fundamentais entre as bibliotecas públicas da Europa, principalmente dos Países Baixos e Estados Unidos da América do Norte, quando comparadas às bibliotecas da América Latina e dos países africanos.

Na verdade, nos países desenvolvidos não há necessidade de conscientizar as autoridades sobre a importância do papel da biblioteca pública para a sociedade. Nos países menos desenvolvidos, a luta é constante e se inicia por sensibilização para a formação de um público leitor. Comprova-se isso quando se verifica que na maioria desses países a biblioteca não faz parte da agenda governamental. Hoje, na América Latina, os países que mais investem na área são o Chile e a Colômbia. Isso também contribui para o Chile ter a melhor economia da região e ser o país com mais patentes registradas.

Na Colômbia, o novo modelo de biblioteca, intitulado Parque Biblioteca, foi fundamental para a diminuição dos conflitos em comunidades menos favorecidas.

Quando a instituição não faz parte da agenda governamental, isso indica que não haverá orçamento nem disponibilização de recursos financeiros para essas bibliotecas, pois não há visibilidade da importância dos seus serviços para a sociedade.

No século passado, instituições como a Unesco, Ifla, OEA, dentre outras, lançaram diversos manifestos na tentativa de sensibilizar as autoridades da América Latina sobre a importância da biblioteca pública. Realmente foi um esforço com resultados limitados, pois foram inauguradas diversas bibliotecas públicas mais como depósito de livros, do que instituições que promovem o livre acesso ao conhecimento organizado.

Nesse período, ficou claro que os anglo-saxões tinham maior capacidade de leitura devido, principalmente, às questões culturais e à destacada indústria editorial existente em seus países. Na América Latina, no entanto, a formação do público leitor dependia da capacidade do profissional da informação de sensibilizar autoridades e comunidade da necessidade do acesso ao livro e à leitura.

O grande problema era que o currículo das escolas de biblioteconomia não privilegiava a formação e a manutenção de público leitor e o esforço era todo voltado para a preservação, e não divulgação das coleções. Se o bibliotecário não tivesse capacidade de leitura, ele não podia promover nem liderar movimentos em prol da leitura, pois cada vez mais se comprova que somente um leitor forma outro leitor.

Outro marcante desafio era a questão da biblioteca pública para todos. A falta de recursos financeiros adequados e a diversidade de interesse informacional da comunidade demonstraram a dificuldade na criação de bibliotecas para servir a todos indiscriminadamente, por isso algumas instituições preferiram segmentar o mercado dando prioridade para setores específicos da comunidade, tais como estudantes, comerciários, donas de casa, aposentados, etc.

Fundamentalmente, nesse período, o papel da biblioteca pública era dar a palavra ao não público. Nesse caso, tratava-se de pessoas que por problemas de analfabetismo, letramento, desnutrição infantil e analfabetismo funcional não faziam parte do grupo seletivo dos letrados, e por isso não tinham noção dos seus direitos e deveres como cidadãos. Para capacitar um público como esse, o bibliotecário deveria ter noções educacionais, sociais e psicológicas. Dar a palavra significa diminuir a distância entre o livro e o usuário tendo o bibliotecário como mediador, pois à medida que o não público tenha acesso à leitura, ele passa a ter um discurso crítico próprio e a não ser frequentemente manipulado.

Na verdade, foram muitos os problemas enfrentados pela biblioteca pública, tais como falta de conscientização das autoridades, acervos desatualizados, falta de recursos humanos, etc. Esse clima gerou a chamada escolarização da biblioteca pública, devido, principalmente, à falta de biblioteca escolar. À medida que a prioridade passou a ser os estudantes, os demais segmentos da comunidade foram totalmente esquecidos. Priorizando os estudantes, o acervo basicamente era constituído de livros-textos e didáticos que reconhecidamente não formam um público leitor.

A falta de visibilidade da biblioteca pública, o distanciamento do livro, a falta de público leitor, a elitização da leitura têm provocado uma série de problemas que vão desde a formação cidadã até a questão da produção científica brasileira. A maioria dos estudantes que ingressaram nas universidades nos últimos tempos não passaram pela biblioteca escolar ou pública comprovadamente. São jovens que têm dificuldades em interpretar o texto escrito e trazem os vícios de copiar e colar. Encontram dificuldades para validar a informação e não conseguem agregar valor ao texto escrito. A situação se complica quando se utilizam do plágio para elaborar a monografia, a dissertação e a tese. Esse é um modelo que não promove o desenvolvimento e deixa marcas profundas no processo de dependência informacional e tecnológica. Um indicador básico, que ilustra e corrobora a tese aqui levantada, é que o Chile superou o Brasil em número de patentes. Com certeza isso reflete a qualidade da infraestrutura informacional existente, que impacta na qualidade da educação, no desenvolvimento e resulta em indicadores como esse.

Não somente no Brasil, mas em toda a América latina as pessoas que leem tornam-se leitores críticos, pois, segundo Borges (1962), “pode-se terminar a história onde quiser, pode-se conectar aquela história com qualquer outra, você pode negar a história, esquecer a história, fazê-la um clássico, considerá-la apenas um reflexo de outras histórias, tudo depende da capacidade interpretativa do leitor.” Quando leitores críticos se tornam usuários críticos, eles começam a exigir mais dos serviços bibliotecários, e é dessa maneira que as bibliotecas tomam ciência da necessidade de melhorar a qualidade dos produtos e serviços oferecidos por elas.

Em artigo intitulado “Novos trajetos de leitura”, Niskier (2014) afirma que o leitor atual nasceu convivendo com palavras escritas nos cartazes, embalagens, placas, revistas, jogos, pois a escrita é presença constante no mundo.

Segundo o referido autor, os recursos tecnológicos hoje disponíveis facultam, com o mínimo de conhecimento técnico, a intervenção do leitor diretamente nos textos. Hipertextos transferem parte do poder do escritor para o leitor pela possibilidade e habilidade que o último passa a ter de escolher livremente seus trajetos de leitura. Assim, ele elabora o que poderíamos denominar metatexto, anotando seus escritos junto a escritos de outros autores e estabelecendo links (nexos ou interconexões) entre documentos de diferentes autores, a fim de relacioná-los e acessá-los rapidamente.

Na visão de Pondé (2000), o crescimento populacional urbano, as políticas de massificação da leitura e os diversos modos de reprodução da linguagem contribuíram para a ampliação do público leitor e do interesse pela leitura. O ato de ler, que no passado estava associado ao respeito pelo texto e à autoridade absoluta do autor, privava o leitor de autoridade, porque pressupunha uma hierarquia entre o emissor e o destinatário, à medida que se buscava aquilo que o texto ou o autor pretendiam dizer. Já a leitura interativa ou lúdica supõe uma igualdade entre texto e leitor no ato da comunicação. Com isso, rompe-se o esquema autoritário da relação entre o emissor e o destinatário, e a leitura transforma-se em um jogo no qual o leitor também assume o papel de autor, uma vez que dá significado ao texto e participa ativamente da ação interpretativa. Ao reconhecer o papel ativo do leitor, o conceito moderno de autoria fica igualmente comprometido, pois a visão individualista de que somente o autor é “proprietário” do texto cai por terra, já que a existência do texto está intimamente relacionada com a sua leitura e sua interpretação. Logo, emissor e receptor têm autoridade sobre o texto, mesmo que um deles tenha um pouco mais de responsabilidade sobre a criação do que o outro. Aliás, cabe observar que essa concepção burguesa de autoria é recente, data de meados do século XIX, época em que o processo de construção social da autoria se fortaleceu, principalmente devido ao desenvolvimento da imprensa - isto é, da informação escrita - e, em consequência, das profissões de jornalista e escritor.

Manguel (2002) tem a visão de que a responsabilidade do escritor deve ser sensível às descobertas da experiência; em outras palavras, o escritor deve ser um bom alquimista. A experiência nos fornece material que os escritores transformam em palavras. Mas nós somos apenas artesãos dessa experiência. A tarefa do autor termina com a construção da obra. Quando a obra está concluída, o escritor não tem mais poder sobre ela, isto é, está nas mãos da pessoa que a recebe. A responsabilidade do leitor é descobrir o texto e tentar fazer uma jornada em direção oposta para entender a experiência que serviu de inspiração. É possível que o leitor descubra outra experiência, outro mundo por meio dessa jornada. O leitor tem uma responsabilidade política porque existe uma ligação com a sociedade, com a polis e com o que Mallarmé¹ chamou de “dar um novo significado às palavras da tribo”.

E por que necessitamos de leitores críticos? Existe uma larga distinção entre o universo da oralidade e o da escrita. Do ponto de vista de reprodução e otimização do sistema, a leitura é uma necessidade pragmática - o analfabeto é menos produtivo e mais dependente, é um tipo de inculcação ideológica. O texto consentido e efetivamente promovido é apenas aquele que reproduz valores ideológicos hegemônicos. Ainda que incluído na “cidade das letras”, o alfabetizado continua excluído do “mundo da escrita” - que supõe territórios privilegiados caracterizados por formas de discursos e referências específicas.

A estreita relação entre leitura e participação social seria reafirmada por Paulo Freyre em sua conferência sobre “A importância do ato de ler”, realizada no 3º Congresso Brasileiro de Leitura, em 1981. Revisando sua trajetória pessoal, Freyre (1981) falou da “palavramundo”, da leitura de mundo que antecede a leitura da palavra, para reafirmar a tese de que, “enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo de alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito.

¹Stéphane Mallarmé, cujo verdadeiro nome era Étienne Mallarmé - Paris, 18 de março de 1842, Valvins, 9 de setembro de 1898 - foi um poeta e crítico literário francês.

A leitura crítica da realidade, dando-se em um processo de alfabetização e associada, sobretudo, a certas práticas claramente políticas, de mobilização e de organização pode constituir-se em instrumento de ação contra-hegemônica”. Vale observar que este é o tipo de atividade que levará as bibliotecas públicas a se tornarem um verdadeiro ponto de acesso para a sociedade da informação. No Brasil, o fenômeno da escolarização da biblioteca pública prejudicou muito a formação de leitores principalmente pela falta de profissionais e de um acervo representativo de literatura infantil e juvenil.

Na verdade, na medida em que a sociedade da informação é também uma sociedade de exclusão, o passaporte para essa sociedade passa a ser o capital intelectual, em que o grande alicerce é a leitura e o hábito de utilizar a informação, principais atividades dos serviços bibliotecários. Não estamos falando sobre o leitor ocasional e passivo diante da falta de qualidade dos serviços bibliotecários, pois as habilidades de ler e escrever não são suficientes para se estar apto a responder adequadamente às demandas contemporâneas. Isso nos leva ao conceito de letramento, que está acima do conceito de alfabetização. Se uma criança sabe ler, mas não consegue interpretar o que lê em um livro, revista ou jornal, e se ela sabe escrever palavras e frases, mas não consegue escrever uma carta, então essa criança é alfabetizada, e não letrada.

O sistema bibliotecário e o sistema educacional têm grande responsabilidade no processo de mudança social. O caminho analfabeto-alfabetizado-letrado-cidadão-escriptor é extremamente complexo, mas é a única rota que levará o profissional da informação à satisfação profissional e, antes de tudo, representa o caminho que conduzirá sua comunidade à sociedade da informação.

Para enfrentar os desafios da sociedade do conhecimento, a biblioteca terá que inovar permanentemente. E os maiores desafios são de coordenar a transição do impresso para o digital, e principalmente construir usuários produtores de informação e não mais usuários dependentes da informação. Esses dois fatores serão vitais para a construção de comunidades autossustentáveis e sociedades mais justas.

As últimas pesquisas realizadas nos Estados Unidos da América do Norte revelam a importância da família na formação dos hábitos de leitura. Pesquisas recentes revelaram que nas residências onde há livros, crianças se dedicam muito mais aos estudos. Portanto nesse processo há uma junção da família com a biblioteca e com a qualidade de ensino oferecido pela escola. Em algumas escolas, inclusive a coordenação pedagógica funciona na própria biblioteca escolar. É o primeiro passo para incluir o indivíduo na sociedade da informação.

A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Manuel Castells, sociólogo espanhol e professor da Universidade da Califórnia – bem como Anthony Giddens e de Jurgen Habermas – pertencem a um grupo de intelectuais contemporâneos que cercam e assessoram governantes nas questões relacionadas com a era informacional e a formação de redes. Ao escrever sua trilogia, Castells (1999) teve como objetivo formular uma teoria sistêmica da sociedade da informação capaz de analisar o impacto das novas tecnologias sobre a divisão do trabalho, a estrutura do emprego, o enfraquecimento do Estado, dos sindicatos e sobre a organização dos meios de comunicação de massa em um mundo globalizado e conectado em redes. Propôs identificar os principais processos de alcance mundial que transformaram a economia, a cultura e a sociedade nos últimos tempos, analisando o “como” e “porquê” do atual desmantelamento do Estado-nação, construído desde a idade moderna, mas também da crise de legitimação sofrida por suas instituições e seus representantes. Neste projeto pretendemos analisar a situação da biblioteca pública na crise de legitimação, pois as estatísticas apontam que um pequeno percentual da comunidade é que utiliza seus produtos e serviços.

Castells (1990) está convencido de que o final do século XX representa não só o fim do marxismo, mas também o fim da “era da razão”. Ambos seriam substituídos pela “era informacional”. Para Castells, chegou o momento em que deveríamos elaborar novos conceitos capazes de exprimir as mudanças tecnológicas ocorridas no decorrer das duas últimas décadas e sintetizadas no conceito de “quarta revolução tecnológica”.

Essa revolução é fruto de um conjunto de tecnologias convergentes integradas em um bloco: a microeletrônica, a computação (software e hardware), as telecomunicações, a eletrônica que utiliza a fibra óptica e até mesmo a bioengenharia genética. Entretanto, tudo isso não teria gerado mudanças estruturais nos mercados, dos Estados e do mundo inteiro, se não tivesse ocorrido um feliz casamento entre essa tecnologia de ponta e um mercado ágil e flexível que soube propagar e multiplicar os resultados da ciência (novos conhecimentos) e dessa tecnologia, aperfeiçoada no Silicon Valley, através da World Wide Web.

Assim, a elaboração de novos conceitos, a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação e um processo de mudança focado em produtos e serviços mais atrativos para a sociedade passam a ser prioritários para a visibilidade da biblioteca pública.

A caracterização dessa revolução tecnológica recente não é a centralização do saber e da informação (já presente nas revoluções anteriores), mas precisamente a comunicação imediata e fácil de novos saberes, de novas informações e tecnologias ao mundo inteiro através de redes globais que realimentam e integram novas redes, associadas ao mercado e ao poder econômico e político.

O caráter “excludente” desse novo modo de desenvolvimento não escapou a Castells. Ele sabe que no máximo a quarta parte da população global está sendo beneficiada, mas exprime sua esperança de que tal situação seja apenas temporária. Na verdade, as populações mais privilegiadas estão nos Estados Unidos da América do Norte, na União Europeia, no Japão, na Coreia do Sul e em Taiwan. Analisando esses aspectos, cabe à biblioteca pública enfrentar as desigualdades sociais disseminando a inclusão informacional produtiva que beneficia a geração de emprego e renda.

Castells não culpabiliza a “era informacional” pelo desemprego. Ao contrário, afirma que com as novas tecnologias foram criados também novos tipos de emprego.

Se ondas de demissões ocorreram, isso se deveu ao despreparo dos trabalhadores, atrelados às velhas tecnologias, de se adaptarem às novas condições de vida. Assim, a capacitação da mão de obra do usuário da biblioteca pública passa a ser prioridade para enfrentar o período de crise econômica.

Nessa nova sociedade, a ciência não é vista apenas como uma ferramenta para alavancar o conhecimento, mas principalmente para melhorar a qualidade de vida. Nesse contexto, onde os desafios da sociedade da informação e a questão recente das crises econômicas e sociais são gigantescos, a biblioteca pública tem papel fundamental na questão na geração do emprego e renda. Na Europa, por exemplo, há indicadores que confirmam que a cada ano a biblioteca pública encaminha para o mercado de trabalho mais de 250 mil pessoas. Em Rivas, cidade espanhola, a biblioteca pública tem como grande meta a empregabilidade, e assim promove atividades de elaboração de currículos, cartas de apresentação e cursos para a formação de mão de obra qualificada, além de cursos de idiomas.

Recentemente, Ivana Lins apresentou sua tese de doutorado na Universidade Federal de Salvador, com o título: Biblioteca pública, convergências e divergências: Chile, Colômbia e Brasil. Trata-se de estudo comparativo que demonstra como esses três países estão em busca de um novo modelo. O Chile quer continuar sendo a melhor economia da região, a Colômbia quer um modelo de biblioteca pública que diminua os conflitos sociais, e o Brasil pretende um modelo que inclua a comunidade na sociedade da informação.

3.0 OS NOVOS DESAFIOS

As bibliotecas públicas implantadas a partir do século XVIII, principalmente nos países desenvolvidos, buscavam e deixaram um legado de que o acervo representava a verdade. Assim, os usuários buscavam a comprovação da verdade através das biografias, dos textos selecionados e da validação científica. Tinham a certeza sobre a vida dos heróis, dos mitos e da história.

As guerras ideológicas logo após a Segunda Guerra Mundial procuraram demonstrar que nem mesmo os livros existentes nas bibliotecas eram fontes de crédito para a busca da verdade. Recentemente, o Dicionário da Oxford publicou pela primeira vez o conceito da pós-verdade, ou seja, a verdade já não tem tanta consistência e necessita ser avaliada por outros meios que não sejam de interesse político ou da mídia.

A partir da década de 90 começam a surgir publicações sobre as teorias da desinformação. A desinformação atende aos interesses da hegemonia do poder, pois aumenta o número de países dependentes de todo tipo de comércio. Na maioria dos países latino-americanos se utiliza a desinformação para explorar os analfabetos e crianças com desnutrição infantil.

A manipulação da informação é ainda mais acentuada nesses países onde muitas pessoas votam por um prato de comida ou um subemprego. São facilmente manipuladas, pois não têm noção de cidadania nem dos próprios direitos.

O prestigiado Dicionário Oxford escolhe, a cada virada do calendário, a palavra do ano. Trata-se do vocábulo que sobressaiu na comunicação do período. A de 2016 foi fake news – notícias fraudulentas que se multiplicam graças ao compartilhamento das mídias sociais. A preferência de 2017 recaiu sobre youthquake, que, em tradução livre, quer dizer terremoto jovem, e trata-se de mudança cultural, política ou social significativa provocada pelas ações ou influência de pessoas jovens.

Em meados de 2016, Aviv Ovadya percebeu que havia algo fundamentalmente errado com a internet – tão errado que ele abandonou seu trabalho e soou um alarme. Algumas semanas antes das eleições de 2016, ele apresentou suas preocupações a tecnólogos na Área da Bahia de São Francisco e advertiu sobre uma crise iminente de desinformação que chamou de infocalypse.

Na visão de especialistas, esses impactos de desinformação, manipulação, fake news e infocalypse atingirão não somente a política, como a gestão, a formação dos usuários das bibliotecas, a formação da cidadania, a formação de investigadores, e poderão aumentar ainda mais as desigualdades sociais na América Latina e no Caribe.

Na medida em que os profissionais da informação lutam destemidamente para o acesso aberto à informação, pela ciência aberta, eles terão que enfrentar esses novos desafios, que constituem verdadeiros obstáculos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Morin (2002) afirma que para compreender o novo paradigma, a biblioteca pública enfrentou o rompimento de diversos paradigmas, tais como o acesso, a compreensão, a validade da informação e o impacto do acesso ao livro e à leitura, tornando-se necessário um pensar mais abrangente, multidimensional, contextualizado e multidisciplinar.

A metodologia de pesquisa utilizada neste estudo é etnográfica e privilegiou a abordagem qualitativa por oferecer a facilidade de descrever a complexidade de determinado problema através da integração do contexto social e o objeto de estudo. A pesquisa é também de caráter exploratório e descritivo, já que pretende proporcionar uma visão global do fenômeno estudado. A pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas à formulação de problemas mais precisos. Por fim, é descritiva porque tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno que pretendemos estudar.

Na primeira etapa do trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica e documental. Essa fase foi dedicada à fundamentação teórica proporcionada pelos grandes pensadores, tais como Freyre, Habermas, Morin, Castells, Levy, Negroponte, Demo e outros. Na questão do livro e da leitura, foi fundamental a interpretação dos textos de Chartier, Manguells, Freyre. Tudo isso será comparado com os textos institucionais publicados pela Unesco, OEA, Cerlalc, Instituto Nacional do Livro, Biblioteca Nacional, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, dentre outros.

A segunda etapa, já contando com os fundamentos teóricos, foi dedicada aos estudos e técnicas metodológicas. A pesquisa etnográfica apresenta e traduz a prática da observação e da análise das dinâmicas interativas e comunicativa como uma das mais relevantes técnicas.

Assim, ao avaliar programas e projetos visando à recomendação de soluções para os problemas e impasses identificados, deve-se levar em conta as evidências da observação e da descrição, elementos cruciais da atividade etnográfica. Para consolidar as observações, serão utilizadas também as técnicas do grupo focal.

Uma das etapas importantes do projeto é identificar as boas práticas através das técnicas de estudos comparativos. Por exemplo, Guadalajara é considerada a cidade com mais leitores segundo os editores espanhóis, graças ao trabalho da biblioteca pública. A Colômbia implantou parques biblioteca, no lugar da biblioteca pública tradicional, e com isso formou um público leitor muito mais consistente. Hoje é possível reunir numa videoconferência os responsáveis por essas mudanças que foram básicas na visibilização da biblioteca pública, na formação do público leitor e na inserção social. Nesse contexto, as técnicas da narrativa (Brussamolin & Suaiden, 2016) são relevantes no processo de gestão e disseminação da informação.

As grandes mudanças estão ocorrendo no próprio conceito e no processo de integração com a comunidade. Novas bibliotecas públicas estão utilizando as técnicas de segmentação de mercado (Philip Kotler) também chamadas de técnicas de segmentação da comunidade. Nesse processo, a biblioteca pública deixa de ser “tudo para todos” e atende prioritariamente, com eficácia e eficiência, a um setor específico com informação para geração de emprego e renda, ou informação para o desenvolvimento do agronegócio, ou informação para consolidação do público leitor, ou ainda para os estudantes ingressarem na Universidade (ENEM).

Outra técnica fundamental são as técnicas de mediação da leitura, que têm como objetivo maior as práticas de aprendizagem informacional, as quais, no final do processo, possibilitam que o estudante deixe de lado a cópia e passe a utilizar a autoria. É essencial que ele deixe de ser um dependente e passe a ser um produtor de informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Especialistas comprovam que há grande insatisfação da sociedade com relação aos políticos, com a gestão, com os desmandos e com o crescimento da corrupção. A história comprova que nessa situação a sociedade se revolta e procura outros caminhos mais solidários e compatíveis com o desenvolvimento humano. Foi assim em maio de 1968 na França, onde o slogan “É proibido proibir” mostrava que os jovens nascidos após a Segunda Guerra Mundial clamavam por uma sociedade mais justa e igualitária. A história comprova também que a disseminação da informação, em todos os níveis, enfrenta fortes desafios ao se deparar com a inovação. Foi assim quando Gutemberg inventou a imprensa, trazendo novos métodos de reprodução do conhecimento, mas trazendo, ao mesmo tempo, as questões do analfabetismo e da necessidade da inclusão educacional. A revolução tecnológica trouxe inúmeros benefícios, como as questões da preservação digital, das revistas eletrônicas, das bases e bancos de dados, mas colaborou também para aumentar as desigualdades sociais com a questão da exclusão digital. Portanto são novos desafios que a biblioteca pública enfrenta para disseminar a informação e o conhecimento.

Em uma sociedade da informação/conhecimento onde a verdade é frequentemente questionada pelos donos do poder, pela hegemonia existente, pelos interesses contrariados, pelas ideologias e pelas políticas existentes, a biblioteca deveria ser um centro de resistência em busca da verdade. Em uma sociedade saudosista e romântica, é possível sonhar com uma biblioteca pública visibilizando indicadores contra a corrupção, contra os desmandos governamentais, contra a injustiça e os desequilíbrios sociais e demonstrando que o alto montante dos recursos desviados em corrupção poderia ser utilizado para uma educação de qualidade, principalmente na formação de um público leitor com competência para validar a informação.

Tudo isso ocorre porque na atualidade há um descompasso entre a sociedade e a política, na qual o cidadão não se sente representado pelos políticos. Conceitos utilizados por Castells, Anthony Giddens e Ulrich Beck (2018) garantem que as pessoas tendem a ser mais inteligentes, rebeldes e criativas do que no passado, quando havia maior conformismo com um destino preestabelecido. Hoje, quando são chamadas a fazer julgamento de valor e escolhas na vida pessoal e profissional, o comportamento é outro, bastante diferente, na maioria dos casos.

Se as novas tecnologias por um lado estendem as possibilidades de comunicação e informação entre os cidadãos, por outro ampliam o impacto de técnicas e estratégias de manipulação de massa. Na mídia social atuam robôs que estimulam polarizações e impedem consensos e acordo. Assistimos também nos últimos anos a um avanço impressionante do corporativismo. Em muitas bibliotecas universitárias, são os funcionários que tomam as decisões de greve, de fechamento, da aquisição, de prioridades orçamentárias, quando, na verdade, essas decisões deveriam ser tomadas pelos usuários.

No processo de capacitar o usuário na compreensão da informação, a literatura pesquisada aponta diversos caminhos sobre métodos de detecção automática e informação de rede (metadados), mas na atual situação da América Latina, o melhor modelo tem sido a competência ou letramento informacional com foco na aprendizagem contínua.

Para possibilitar a reconstrução da verdade na sua comunidade, a biblioteca precisa ter a crença de que o usuário dependente de hoje pode se transformar no investigador de amanhã. Como usuário dependente ele passou por uma inclusão precária, como milhões de latino-americanos, aprendendo a pesquisar copiando dicionários e enciclopédias e posteriormente copiando a internet. Num contexto de copiar e colar, o usuário jamais chegará à autoria.

O primeiro passo para a transformação de um novo modelo de biblioteca é o estudo/diagnóstico das necessidades informacionais da comunidade. Numa população basicamente alimentada pelo agronegócio, caberá ao bibliotecário selecionar os produtos e serviços em direção do agronegócio, e assim, sendo informações sobre a produção de alimentos e a comercialização dos produtos passam a ser de prioridade absoluta. Numa coletividade na qual o nível de desemprego é alto, a prioridade deve ser sempre a geração de emprego e renda, desde a elaboração do curriculum vitae, ofertas de emprego e capacitação em todos os níveis, incluindo outros idiomas, que são de alta relevância nesse contexto.

Na gestão dos serviços bibliotecários, é fundamental a visão sistêmica ao elaborar propostas de captação de recursos, de atualização dos produtos e serviços e de construir parcerias e novas colaborações. A visão sistêmica possibilitará a construção de cenários adequados, prevendo novas mudanças e inovações. Comprovadamente a grande parceira da biblioteca pública deve ser a escola, pois a função social da biblioteca está integrada com a da comunidade e a da escola. Biblioteca e escola se complementam, se sucedem em diferentes etapas da vida do cidadão e o marcam para sempre. Devido ao compromisso com a biblioteca pública, muitas escolas passaram a colocar a coordenação pedagógica no próprio recinto da biblioteca escolar. Além disso, essa parceria melhora o desenvolvimento nas áreas do ensino, da pesquisa e da extensão e fundamentalmente cria um clima adequado para a formação do leitor.

Comprovadamente hoje não basta o conhecimento estar organizado. A organização do conhecimento é necessária, mas tem pouco peso para o usuário, que de maneira geral utiliza o Google quando precisa de informação. O novo modelo de biblioteca pública baseado nas pesquisas realizadas neste projeto demonstra que além de disponibilizar acervo, ela tem que se transformar num centro de capacitação.

Nesse centro de capacitação a prioridade se chama competência informacional, na qual os profissionais da informação, principalmente do setor de referência, passam a dar cursos frequentes, como a questão das normas técnicas, das citações, a produção em grupo de pesquisa, as referências bibliográficas e digitais. Ensinam os caminhos para evitar o plágio e aprofundam os conhecimentos para a formação do investigador, tais como a produção científica, a internacionalização e a construção da visibilidade. Acima de tudo, colaboram na construção do leitor crítico, aquele que não depende do texto escrito, mas que colabora em agregar valor ao texto. Assim, no processo de validação da verdade, o usuário terá condições de buscar sempre com autonomia o melhor caminho a seguir.

KLIKBERG, B. Pobreza, uma questão inadiável: novas respostas a nível mundial. Brasília, DF: ENAP, 1994.

_____. Desigualdade na América Latina - o dialogo adiado. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

MADDEN, M. Lifestyles of [the] library user and nonuser. Occasional papers - University of Illinois Graduate School of Library Science, n. 137, 1979.

MANGUEL, A. Formação de leitores. El Pais, 12 jan. 2002.

NISKIER, A. Novos trajetos de leitura. Correio Braziliense, Brasília, DF, 29 mar. 2014.

PACHECO, L.M.S.A. Informação enquanto artefato. Informare: Cadernos do Programa de Pos-graduação em Ciência da Informação, v. 1, n. 1, 1995.

PONDE, G. Leitura e cidadania: Proler. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2000.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S.; MACIEL, M.L.; ABDO, A.H. Ciência Aberta, questões abertas. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015.

BANDINO, S. Preface. EL PÚBLICO y la Biblioteca: metodologias para la difusión de la lectura. Gijón: Ediciones Trea, 2000.

BARRETO, A. A. A questão da informação. São Paulo em Perspectiva, v. 8, n. 4, p. 3-8, 1994.

BORGES, J.L. Labyrinths: Selected Stories and Other Writings. Harmondsworth: Penguin, 1962. Disponível em: <http://jubal.westnet.com/hyper-discordia/library_of_babel.html>. Acesso em: 12 maio 2004.

BRAZILIAN INFORMATION SOCIETY PROGRAM. Programa Sociedade da Informação (SocInfo). 2002. Disponível em: <<http://www.socinfo.org.br/>>. Acesso em: 25. set. 2012.

CASTRO, C.; RIBEIRO, M.S.P. Sociedade da informação: dilema para o bibliotecário. Transinformação, v. 9, n. 1, p. 17-25, 1997.

CARDOSO, F. H. Crise e reinvenção da política no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

CONFERÊNCIA SOBRE LEITURA, 3., 1981, Campinas. Anais... Campinas: Unicamp, 1981.

D'ELIA, G.P.M. Development and testing of a conceptual model of public library user behavior. Quarterly, v. 50, p. 410-30, 1980.

FREYRE, P. A importância do ato de ler. Campinas: Associação Nacional de Leitura, 1981.